



A Periferia em Pauta: Uma Pesquisa Exploratória de Conteúdo nas Páginas do Jornal Popular *Super Notícia*¹

MARA ROVIDA MARTINI

Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Uniso. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br

JENNIFER SILVA LUCCHESI

Mestranda em Comunicação e Cultura pela Uniso. Bolsista integral da Capes. Graduada em jornalismo pela Uniso. E-mail: jenniferlucchesi@hotmail.com

Resumo

A produção jornalística em arranjos alternativos de mídia, em constante crescimento, tem enfatizado a manutenção da ausência de certas perspectivas e vozes na narrativa tradicional da imprensa. Um exemplo dessa contraposição é observado no chamado jornalismo periférico que, como a nomenclatura indica, atua para equalizar a presença das perspectivas das periferias na narrativa jornalística. A pergunta que se faz diante de tal realidade é se a conotação estigmatizada e o constante silenciamento de parcelas da população contemporânea também se verifica em um jornal popular. Para dar conta desse questionamento, desenvolve-se neste trabalho uma pesquisa exploratória de conteúdo que busca analisar a forma como a periferia e os sujeitos periféricos são apresentados na narrativa do jornal popular *Super Notícia*. Os resultados indicam que há persistência desse silenciamento também na imprensa popular.

Palavras-chave

Jornalismo popular; Pesquisa exploratória; Análise de narrativa; Periferia.

Abstract

The journalistic production in alternative media arrangements, that has been increasing, has emphasized the maintenance of the absence of certain perspectives and voices in the traditional press narrative and as a counterpoint to the demand for these engaged spaces. So-called peripheral journalism is an example of this issue. The question before this reality is whether the stigmatized connotation and the constant silencing of portions of the contemporary population is also found in a popular newspaper. With this objective, this work develops an exploratory research of content that seeks to analyze the way the periphery and the peripheral subjects are presented in the narrative of the popular newspaper *Super Notícia*. The findings of this paper point to the maintenance of the mentioned absence in popular media.

Keywords

Popular journalism; Exploratory research; Narrative Analysis; Periphery.

Artigo recebido em 25 de novembro de 2019

Aprovado em 02 de junho de 2020

¹Artigo apresentado na sessão coordenada “Mesa Renami: narradores, sujeitos e formas de dizer”, do 17º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), evento realizado entre os dias 6 a 8 de novembro de 2019 na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia (GO).

1. Problematização

As iniciativas de produções jornalísticas fora do circuito *mainstream* têm recebido cada vez mais atenção dos estudiosos do campo do jornalismo nos últimos anos (FIGARO, 2018; FIGARO; NONATO, 2017; CARVALHO; BRONOSKY, 2017; RAMOS; SPINELLI, 2015; SILVEIRA, 2012). Com diferentes abordagens metodológicas e teóricas, os pesquisadores têm observado, entre outras questões, que a partir de 2013 os espaços jornalísticos que se apresentam como independentes e/ou alternativos têm aumentado. Os motivos para esse fenômeno e as condições/características dessa produção comunicacional se transformaram em fonte de inquietude para os pesquisadores.

Entre as pesquisas mais recentes que tentam traçar alguma caracterização desse fenômeno contemporâneo e mapear essas produções, destaca-se o trabalho organizado pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Intitulado “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia”, o estudo conseguiu identificar em todo o Brasil 170 produções do que foi nomeado como arranjos alternativos às corporações de mídia. Liderados por Roseli Figaro, os pesquisadores do CPCT recortaram o foco de sua análise em 70 arranjos alternativos encontrados na Região Metropolitana de São Paulo – macrometrópole formada por 39 municípios, incluindo a capital paulista, e habitada por cerca de 22 milhões de pessoas, segundo os dados mais recentes do IBGE.

Uma das características apresentadas por esses produtores de jornalismo é a preocupação em criar espaço para trabalhar temas e perspectivas que não têm entrada na chamada mídia corporativa ou tradicional. Em algum grau, esse objetivo marca de forma determinante as políticas editoriais desses arranjos (FIGARO, 2018), que são claramente assumidas pelos comunicadores. Entre os aspectos definidores da política editorial mais recorrentes encontram-se, ainda segundo Figaro (2018), o debate sobre direitos humanos, a agenda progressista, a reflexão sobre raça e gênero, bem como a perspectiva do território, denominada por alguns grupos como a agenda das periferias.

É exatamente essa última questão que será observada como ponto de relação entre os grupos, alguns deles listados no levantamento de Figaro (2018), que fazem parte da Rede Jornalistas das Periferias. Essa Rede, criada em 2016, e seus integrantes estão sendo

observados em outra pesquisa financiada pela Fapesp (2018/00312-6), cujo objetivo é apreender as condições de trabalho e o cotidiano da produção jornalística nesses arranjos, para usar a terminologia de Figaro (2018). A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso), sob responsabilidade de Mara Rovida Martini, parte do entendimento de que os grupos observados – Agência Mural de Jornalismo das Periferias², Nós, mulheres da periferia³, Periferia em Movimento⁴ e Alma Preta⁵ – compartilham a percepção sobre a demanda por trabalhar as pautas das periferias de maneira mais plural, fugindo da estigmatização do território e enfatizando as perspectivas dos sujeitos periféricos no enquadramento das narrativas. Essa abordagem se faz necessária, segundo esses jornalistas, por conta da forma como a chamada imprensa tradicional trata essas pautas, isto é, de maneira homogênea, distanciada e normalmente vinculada à violência e às carências sociais.

Essa percepção de que a imprensa tradicional trata a periferia de maneira estereotipada já faz parte das preocupações dos pesquisadores da comunicação há algum tempo. Um exemplo desse debate pode ser encontrado em “A visão midiática”, capítulo do livro coletivo “A miséria do mundo” organizado por Pierre Bourdieu (1997). O texto é assinado por Patrick Champagne (1997), que discute a forma como a imprensa francesa trata os temas relacionados ao subúrbio parisiense. Tanto o território como os sujeitos a ele vinculados serão tratados de forma marginalizada.

O subúrbio, de acordo com o autor, quase sempre será relacionado a acontecimentos violentos e às vozes dos sujeitos desses cenários estarão impreterivelmente ligadas a esse tipo de situação. O estigma é reforçado, por um lado, porque esses sujeitos são mencionados quase que exclusivamente nesse tipo de pauta, mas por outro porque são considerados de capacidade intelectual e cultural limitada para opinar sobre qualquer coisa, mesmo que diga respeito ao próprio subúrbio. “Fala-se deles mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem a tomar o discurso emprestado, o que os dominadores usam” (CHAMPAGNE, 1997, p. 69). Como numa espécie de osmose, a visão apresentada pela mídia sobre a realidade dessas populações é apreendida e reproduzida por eles próprios.

² Site: <https://www.agenciamural.org.br/>

³ Site: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/>

⁴ Site: <http://periferiaemmovimento.com.br/>

⁵ Site: <https://almapreta.com/>

No Brasil, essa forma de leitura da realidade se dirige principalmente às populações periféricas que ocupam os territórios mais afastados dos centros estruturados das grandes cidades. Além das periferias e dos periféricos, essa forma de abordagem também é observada com relação às demais populações marginalizadas (CARVALHO; BRONOSKY, 2017), como, por exemplo, moradores de ocupações ou pessoas em situação de rua. Observa-se, portanto, que os periféricos são silenciados na cobertura da imprensa brasileira e, quando são ouvidos, as pautas tratam de violência ou de carências diversas.

Essa postura que toma a periferia como um bloco homogêneo de pessoas pobres vem sendo duramente debatida e criticada no âmbito das narrativas dos grupos estudados na pesquisa do PPGCC-Uniso (ROVIDA, 2018). Um exemplo pode ser encontrado no site da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, em que o direcionamento editorial apresentado na aba “Sobre” inclui dez princípios da cobertura jornalística das periferias⁶. Esses princípios parecem indicar justamente a pluralidade (social, econômica e cultural) das periferias, a importância de não se referir aos sujeitos das pautas como coitados e não usar nenhum tipo de reforço de estereótipo. Além disso, a Agência Mural se orienta na busca de uma visão sobre as periferias que não implique na agenda da violência, pauta totalmente excluída da produção. Essa decisão editorial é apresentada nas plataformas da Agência e usada como balizadora na definição de sua cobertura. Ainda que não ignorem a existência da violência nos espaços que servem de palco para suas narrativas, os jornalistas que atuam nesse arranjo sabem que outros comunicadores estarão atentos e cobrirão essas questões. Eles se dispõem a buscar leituras outras desses territórios num claro posicionamento político e social pela linha editorial da produção jornalística.

Há nessa posição uma forte indicação de engajamento ativista ou popular, conforme discutido por John Downing (2002), o que confere a esses arranjos alternativos observados na contemporaneidade algumas características identificadas em outros momentos na chamada mídia radical (DOWNING, 2002) que, na leitura do autor, deve ser entendida como parte da cultura popular. A partir dessa perspectiva, Carvalho e Bronosky (2017) reforçam a faceta popular da imprensa alternativa e independente para compreender, usando as noções de Downing (2002), esse fenômeno contemporâneo dos novos arranjos de produção jornalística no Brasil.

⁶ Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/principios/>. Acesso em: 1 jul. 2019.

Essa diferença nos leva a considerar que nem todo veículo que disponibiliza conteúdos populares deve ser considerado como jornalismo alternativo. Mas todo jornalismo alternativo só pode ser considerado como tal quando estabelece relações com a cultura popular (CARVALHO; BRONOSKY, 2017, p. 36).

Essa constatação dos autores suscita um questionamento complementar para as reflexões em curso. Seria possível encontrar no jornalismo popular uma perspectiva sobre as pautas das periferias e dos periféricos abordagem mais próxima ao que é defendido pelos arranjos que fazem parte da Rede Jornalistas das Periferias? Ou o jornalismo popular, como a mídia tradicional, também trata essa agenda de maneira estigmatizada?

Antes de propor uma forma de leitura narrativa para encontrar, ainda que de maneira não definitiva, respostas para essas questões, se faz necessário optar por uma noção conceitual de periferia e apresentar um entendimento sobre jornalismo popular.

2. Periferia brasileira

A organização do espaço urbano no Brasil contém em seu histórico uma formação segregadora, que divide a cidade em bolsões de desenvolvimento e espaços marginalizados. Para Lúcio Kowarick e Milton Campanário (1994), é preciso observar o subdesenvolvimento industrializado para compreender a questão socioeconômica da cidade brasileira e, para que isso fique ainda mais evidenciado, os autores recortam sua observação na Região Metropolitana de São Paulo. Isso porque, segundo eles, será neste espaço que o problema é observado “de forma mais violenta” (KOWARICK; CAMPANÁRIO, 1994, p. 54).

Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), o desenvolvimento da produção industrial se consolidou a partir de 1958. Segundo os autores, isso se deve em grande medida à estrutura de prestadores de serviços da região, à oferta de insumos para abastecer essa indústria e à mão de obra. Esse desenvolvimento econômico promoveu a valorização de certas localidades urbanas, tornando o custo de vida nas cidades mais alto. Em grande medida, a classe trabalhadora passou a sofrer os impactos dessas mudanças de maneira contraditória, em outros termos, foi neste momento que se começou a observar o processo de periferização das cidades, “o crescimento periférico significa violenta segregação sócio espacial, pois o alto valor dos imóveis torna-se obstáculo ao acesso aos serviços urbanos existentes” (KOWARICK; CAMPANÁRIO, 1994, p. 62). A contradição desse fato tem

suas raízes na concentração de riquezas promovida pelo modelo do subdesenvolvimento industrial e a periferia crescente se tornou reveladora desse processo.

Não se trata apenas de dividir as cidades entre bairros nobres e populares, mas também de definir como os sujeitos que vivem nesses espaços são observados nessa configuração social. De acordo com Milton Santos (2002), cidadania, individualidade e solidariedade se manifestam na relação com o grupo cultural ou de pertencimento. Essas interações se estabelecem num espaço, num lugar, num território. O conjunto dessas indicações propicia os elementos de identificação do sujeito. Por isso, o autor chama a atenção para o lugar do indivíduo na cidade, na sociedade, seu espaço físico, como determinante de sua participação em sociedade. Em outras palavras,

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário tem valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar vem a ser condição de pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam (SANTOS, 2002, p. 81).

Se o espaço físico ocupado pelos sujeitos se torna fonte de diferenciação ou de formação de identidade, como sugerido no extrato de Santos (2002), é quase impossível dissociar a periferia como território dos sujeitos que nela habitam. Dessa forma, o estigma da periferia apontado como justificativa dos comunicadores a frente dos arranjos que formam a Rede Jornalistas das Periferias deve levar em consideração essa perspectiva de território como espaço ocupado, espaço criado por sujeitos.

Embora o termo periferia esteja em voga, essa nomenclatura adotada de forma corriqueira dentro e fora da academia é relativamente recente. Em sua tese de doutorado, defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, Tiarajú Pablo D'Ándrea (2013) retoma o histórico da palavra periferia para desenvolver sua ideia de Sujeito Periférico⁷. A disseminação do termo periferia se intensifica na década de 1990.

Nos últimos vinte anos, mais intensamente a partir de 1990, o termo periferia passou a circular amplamente no campo dos debates públicos e acadêmicos.

⁷ O termo é colocado em caixa alta porque, no trabalho de D'Ándrea, tem valor de conceito. Pela limitação de espaço do artigo, optou-se por não aprofundar essa questão até por não ser o foco central da presente reflexão.

Carregando sentidos polissêmicos, o termo concorre, substitui ou opera como equivalente a termos que indicam processos ou espaços geográficos e sociais similares, tais como bairros populares, moradores de bairros pobres, e mesmo classes populares. [...] o termo se consolidou no campo da denominada questão urbana. [...] Seus usos e sentidos também se alteraram e se diversificaram (D'ANDREA, 2013, p. 10).

De acordo com o autor, uma das principais mudanças observadas nesse processo diz respeito ao aspecto negativo que o termo carrega num primeiro momento. Ao evidenciar as esferas marginalizadas das cidades, distanciadas simbólica e fisicamente dos espaços de decisão, a palavra vai sendo ressignificada por uma leitura que enfatiza a potencialidade dos Sujeitos Periféricos. Nesse sentido, periferia e periféricos passam a ser entendidos como consumidores com potencial de compra para o mercado, bem como produtores simbólicos que desenvolvem arte e cultura. De certa maneira, a apreensão da periferia pelo mercado se deu com apoio da exposição midiática que os ambientes periféricos, as favelas e seus moradores tiveram no período assinalado por D'Ándrea (2013). Os exemplos de produtos midiáticos que em seu conjunto formam essa visibilidade podem ser encontrados em novelas, filmes e na própria agenda pública.

Nesse caldo de novidades, outras formas de politização vão surgir como, segundo D'Andrea (2013, p. 12), “a representação e a auto representação da população periférica”. Simbolicamente, essa forma de representar sujeitos e territórios parece ganhar uma nova roupagem a partir de artistas de alguns seguimentos, especialmente da música. São esses sujeitos que parecem colocar em movimento uma nova maneira de compreender a periferia. De um entendimento geográfico, o termo passa a significar uma posição política. Os Racionais MC's, de acordo com D'Andrea (2013), são os principais divulgadores dessa nova perspectiva da periferia num primeiro momento.

É justamente nessa vertente que atuam os jornalistas dos arranjos participantes da Rede Jornalistas das Periferias. Mas, como enfatizam esses comunicadores, a imprensa tradicional ainda tem dificuldade de abarcar essa visão não negativa da periferia na cobertura cotidiana das cidades brasileiras. Essa é a principal demanda que justificaria o crescimento desse tipo de produção.

3. Jornalismo popular

O jornalismo quando pensado em uma perspectiva popular refere-se àquele que é voltado à maioria da população. Em uma possível identificação, Márcia Franz Amaral (2006, p. 16) informa que este segmento diz respeito a “jornais baratos, com baixa paginação, vendidos em bancas, que abrigam publicidades de produtos destinados ao público de baixa renda, embora ainda atendam a ínfima parcela da população”. Por se dirigirem às pessoas com baixa escolaridade e pouco hábito de leitura, os jornais criam como estratégia a aproximação com seus leitores, tanto por meio da linguagem simples e chamativa, escolha das pautas e textos curtos, quanto pela prestação de serviços, entretenimento, ênfase no caderno cidades, sorteios e distribuição de brindes, o que auxilia na fidelização de seus leitores. “Os assuntos que interessam são prioritariamente os que mexem de imediato com a vida da população. Na pauta, o atendimento do SUS e do INSS, a segurança pública, o mercado de trabalho, o futebol e a televisão” (AMARAL, 2006, p. 9).

Por muitos anos, jornais populares ganharam rótulos de sensacionalistas, como é o caso do Notícias Populares, tabloide que circulou em São Paulo entre 1963 e 2001. Apesar de ser necessário resgatar a história do sensacionalismo na imprensa para abordar os jornais populares, passando desde os *canards*⁸ na França do século XIX, pelo *New York Sun*, *New York World* e o *Morning Journal* dos Estados Unidos, até chegar aos folhetins no Brasil, por exemplo, Amaral (2006) afirma que a noção de sensacionalismo para explicar a estratégia dos jornais populares está ultrapassada, não cabendo considerá-lo como sinônimo de imprensa, revista ou programa popular. Para ela, caracterizar um veículo como tal significa apenas dizer, de maneira imprecisa, que o jornal provoca sensações, uma vez que o conceito é generalista e não consegue abranger as características dos novos jornais populares (AMARAL, 2006).

Embora os produtos jornalísticos populares sejam rotulados, ora como sensacionalistas, ora como publicações de mau gosto, Amaral (2006) defende que jornais desse segmento têm assumido maior importância social, democratizando a informação para outros setores da população, como os de baixa renda. Portanto, para ser possível pensar em padrões de qualidade para essa imprensa, eles precisam ser vistos de outras formas, isto é,

⁸ Segundo Liebel (2013), os *canards* aparecem antes mesmo do surgimento de uma imprensa periódica na França, tendo sido impressos de 1525 até o século XIX. Acessíveis financeiramente a um público amplo, já que eram vendidos a baixo custo, eles eram “voltados à divulgação de eventos marcantes, como calamidades, milagres, fenômenos sobrenaturais, nascimentos de monstros e crimes” (LIEBEL, 2013, p. 1). Conforme Angrimani (1995), os *canards* eram jornais populares de apenas uma página, enquanto Liebel (2013) diz que tais publicações continham poucas páginas e não apenas uma.

sem preconceito, o que não significa que eles não mereçam uma análise crítica (AMARAL, 2006).

A cobertura jornalística popular segue outro parâmetro se comparada com a mídia considerada referência. Para Amaral (2006), quem procura por um jornalismo de referência está interessado no conhecimento do mundo público, encontrando nos textos fontes que representam instituições de poder, que têm certas responsabilidades sociais e exercem algum controle. Já no jornalismo popular, o “interesse público” perde espaço para o “interesse do público”, ganhando noticiabilidade acontecimentos que abordam o universo cultural, econômico, social e pessoal do seu leitor-alvo sem remeter a um contexto mais amplo, ou que trazem uma perspectiva relacionada ao *fait divers*⁹. Apesar de ressaltar que a entonação popular varia de veículo para veículo, conforme Amaral (2006, p. 62),

A maior parte dos jornais do segmento popular constrói um leitor dependente de seu assistencialismo e atraído pelo fato de ver seu rosto e sua fala publicados no jornal. Os jornais imaginam que o leitor gosta de se ver, contar suas histórias e as injustiças cometidas contra si, mas é alguém a quem os assuntos públicos e coletivos só importam enquanto estiverem concretamente relacionados ao seu quintal. Baseiam-se na ideia de que o público precisa de muita prestação de serviço, entretenimento e intermediação com o poder público, mas nada que ultrapasse muito uma visão doméstica do mundo.

No entanto, nesse tipo de imprensa, segundo a autora, o leitor situado na periferia ganha centralidade, com direito à fala, enquanto em outras mídias são reduzidos a notícias sobre problemas sociais. A justificativa de que os setores populares preferem um jornal em específico, conforme Amaral (2006, p. 57), é “[...] porque sua história de exclusão social, econômica e cultural criou determinados gostos e estilos de vida diferentes”.

A autora destaca, então, seis fatores que levam um fato a ser noticiado na imprensa popular: a sua capacidade de entretenimento; a sua proximidade geográfica ou cultural em relação ao leitor; se ele for útil; puder ser narrado dramaticamente; puder ser simplificado e, por último, se houver a personalização, isto é, se os leitores conseguirem se identificar com os personagens (AMARAL, 2006).

⁹ Ao considerar a contribuição de Roland Barthes (1970), *fait divers* pode ser entendido como uma estrutura de notícia. Chamado pela imprensa nacional de “informação geral” ou “fatos diversos”, os acontecimentos que se enquadram como *fait divers* contém “em si todo seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio” (BARTHES, 1970, p. 58-59). Alguns dos temas que podem constituir-lo são: assassinatos, raptos, desastres, o insólito, esquisitices, dramas sangrentos etc.

Um jornalismo popular “de qualidade” é possível na concepção da autora. Para tanto, ela ressalta a necessidade de os veículos estimularem os leitores a exercerem a cidadania, conseguindo transformar informações importantes também em interessantes, além de tratarem dos problemas sociais vividos diretamente por esse setor da população. Apesar de apontar para a viabilidade de uma produção jornalística com vínculo social, Amaral (2006) diz ser difícil disso acontecer.

[...] Mas um jornalismo popular radical (no sentido de mais completo e profundo) seria aquele que é pautado pelos setores excluídos e dá visibilidade a posições contra-hegemônicas, ou seja, às diversas posições políticas e culturais encontradas na sociedade. Essa é a missão dos produtos informativos produzidos pelos movimentos sociais e que dificilmente será alcançada por uma empresa jornalística (AMARAL, 2006, p. 133).

Por essa razão, o fenômeno contemporâneo marcado pelo aumento dos espaços jornalísticos que se apresentam como independentes e/ou alternativos motiva pesquisas científicas, bem como foi discutido na primeira parte do texto. Na citação anterior pode ser conferido, então, uma aproximação com a pergunta a que se propõe neste artigo: se a conotação estigmatizada e o constante silenciamento de parcelas da população contemporânea também se verifica em um jornal popular, do mesmo modo que se pode notar a ausência de certas perspectivas e vozes na narrativa tradicional da imprensa.

4. O Super Notícia e a narrativa das periferias

O jornal popular Super Notícia, escolhido como objeto deste artigo, é publicado pela Sempre Editora desde 2002. Da cidade de Contagem, Minas Gerais, ele se consolidou como o impresso mais vendido do País em 2010 (MÍDIA KIT, 2019). De acordo com o mídia Kit (2019), o Super é referência no mercado mineiro, contando com uma venda média diária de 186.734 exemplares. De tamanho tabloide, periodicidade diária e com a maioria do público-leitor proveniente da classe C (57%), o jornal justifica seu alcance comercial por oferecer “conteúdo voltado para o cidadão, promoções com brindes exclusivos e eficiente sistema de distribuição” (MÍDIA KIT, 2019, s/p).

A partir da escolha do objeto, para se desenvolver uma pesquisa exploratória de conteúdo (BARDIN, 2011) que busca analisar a forma como a periferia e os sujeitos periféricos são apresentados na narrativa do jornal popular em questão, foram selecionadas,

de forma aleatória, 15 edições, estabelecidas entre os dias 1º a 15 de maio de 2019. Considerando as editorias Cidades e Geral, um formulário foi preenchido com todas as notícias publicadas nesse período, um total de 196 conteúdos, de diversos formatos jornalísticos, desde reportagens a notas. O material coletado foi organizado com base nos tópicos: data de publicação; chapéu; título; página; se é ou não capa, e se apresentava ou não uma localização (se sim, qual).

Posteriormente, alguns recortes foram necessários ao corpus da pesquisa: **a)** verificou-se quantas notícias apresentavam alguma identificação de lugar (173 de um total de 196); **b)** quantas faziam referência à região metropolitana de Belo Horizonte ou ao Colar Metropolitano (110 de um total de 173); e **c)** quantas apresentavam uma localização mais precisa, como avenida/bairro mais cidade (59 de 110), a fim de identificar com mais exatidão os locais periféricos. Em seguida, das notícias que constavam uma localização mais precisa foi verificado quais delas apresentavam aspas, recurso utilizado no jornalismo quando se vai reproduzir falas de alguém. Assim, seria possível identificar quais sujeitos têm direito à fala nesses conteúdos jornalísticos e atingir o objetivo proposto no artigo.

Constatou-se, então, que as aspas apareceram em 19 conteúdos noticiosos. Desse total, regiões periféricas¹⁰ foram citadas em cinco notícias, assim:

Edição de 1º de maio de 2019, p. 7: “Citrolândia ganha obra esperada há décadas” trata da canalização de um córrego e a construção de uma avenida que irá favorecer o trânsito e melhorar o saneamento básico da região que fica na periferia de Betim, além de abordar a construção da Estação de Tratamento de Esgoto. O jornal traz valores do investimento e a fala de um morador da região: “Essa obra é a realização de um sonho para a gente. A criação dessa avenida vai melhorar muito o trânsito, além de valorizar os nossos imóveis na região. Estamos muito felizes porque, enfim, essa canalização do córrego vai ser feita” (AUGUSTO, 2019, p. 7).

¹⁰ Para a identificação das áreas periféricas, o artigo partiu do pressuposto de áreas empobrecidas e sem estruturas, visto que o conceito é complexo e apresenta nuances, influenciado tanto por questões urbanas, socioeconômicas e políticas quanto por aspectos culturais e identidades sociais. No caso dos bairros localizados no município de Belo Horizonte, a identificação das áreas foi possível a partir de consultas pelo portal Bairros de Belo Horizonte, disponível em: <https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/>. Acesso em: 12 jul. 2019. Moradores da região também auxiliaram na identificação. Para conferir os bairros da cidade de Contagem que apareceram nas notícias do Super, foram consultados os anexos disponíveis no Plano Diretor de Contagem: http://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/legislacao/lec002482017_anexos-20180112090505.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019.

Edição de 5 de maio de 2019, p. 3: “Motorista impede pulão e é atacado”. A notícia aborda a agressão que um motorista sofreu por quatro jovens que se negaram a pagar a passagem (FONTES, 2019). Um sargento da polícia informou ao jornal que o grupo atuava há um mês assaltando ônibus em Belo Horizonte. Embora embarcassem na região central, eles fugiam próximo ao Morro do Papagaio. O texto apresenta falas do motorista agredido e do sargento.

Edição de 5 de maio de 2019, p. 5: “Polícia acha R\$ 100 mil em drogas no cabana” é o único dos quatro conteúdos que ganha chamada de capa. A notícia trata da prisão de um homem no aglomerado Cabana do Pai Tomás, região oeste de Belo Horizonte (SUPER NOTÍCIA, 2019). Além das drogas, foram encontradas armas de uso restrito das forças israelenses, dinheiro e relógio de luxo. Há aspas de um tenente da Polícia Militar. Ele comenta que todo o material foi localizado no telhado do imóvel e informa o preço pelo qual o pino da droga é comercializado.

Edição de 8 de maio de 2019, p. 6: “Jovens aprendem cultura afro” narra a história de um professor que, no centro de Belo Horizonte, ensina dança afro-brasileira a jovens da periferia de BH. 700 jovens já foram atendidos pelo projeto. Na notícia há falas do professor, explicando como essa ação começou e afirmando que os jovens buscam, por meio da companhia, identificação. “Eu percebo que, a partir das aulas de dança, que acontecem aqui, no centro, eles começaram a se identificar com a cidade. Que podem sair da periferia e ocupar outros espaços”, diz o professor ao jornal (PENAFORTE, 2019, p. 6). Falas de dois frequentadores das aulas também acompanham o texto. A notícia traz a indicação de “Prêmio Bom Exemplo”, um concurso em que outros quatro finalistas estavam concorrendo na categoria Cidadania.

Edição de 13 de maio de 2019, p. 3: “Tráfico de drogas deixa mais vítimas” trata de um jovem de 21 anos que foi executado com nove tiros no bairro Ribeiro de Abreu, região Nordeste de Belo Horizonte. Segundo o jornal, a suspeita é que a vítima teria tido uma briga com outro rapaz que depois se vingou. A notícia tem falas de moradores da região. Uma pessoa que mora no bairro vizinho diz: “É algo que assusta pelo impacto, porque há muito tempo que não acontecia uma coisa dessas aqui. Mas o destino de jovens que entram nessa vida é esse” (SOUZA; MOTTA, 2019, p. 3). Um box que acompanha o texto traz outro homicídio no bairro Jardim Teresópolis, em Betim. Segundo os pais desse jovem, ele também tinha envolvimento com o tráfico de drogas na região.

A partir dessa breve indicação das notícias que apareceram no jornal, pode-se perceber que: uma notícia mostra investimento em infraestrutura em uma região periférica e o sentimento de realização do morador; em outra a periferia é apontada como “rota de fuga”; em dois conteúdos regiões periféricas são relacionadas a drogas e à violência; enquanto outra notícia aborda sobre uma atividade cultural desenvolvida com jovens de periferia, abrindo espaço para que esses personagens falem por si mesmos e oportunizando que se identifiquem com a cidade em que vivem, além de mostrar que podem ocupar qualquer ambiente.

Apesar de não ter entrado na amostra por não fazer parte da região metropolitana de Belo Horizonte, em uma notícia do dia 14 de maio de 2019, “Quebra-pau deixa feridos em bar”, pode-se perceber uma visão preconceituosa para com aqueles que vivem à margem da sociedade. A notícia fala sobre uma briga que aconteceu em uma choperia localizada em Ipatinga, no Vale do Aço. Segundo o jornal, testemunhas não souberam contar para a polícia o que teria causado a confusão, assim como a polícia não confirmou nenhuma das suspeitas do que teria motivado a briga. O proprietário do bar diz que seu estabelecimento é familiar e está recebendo mensagens de apoios. No entanto, na conta de uma das redes sociais, representantes do bar publicaram uma nota de esclarecimento especulando uma possível causa para a confusão. Conforme o Super, eles escreveram: “Por causa de pessoas que vivem à margem da sociedade, que provavelmente não saibam (sic) o valor do trabalho, que não sabem preservar ambientes que são exclusivos para promover a alegria, a diversão” (ALVES, 2019, p. 3). A partir disso, pode-se notar que a mensagem demonstra uma visão generalizada e com julgamentos direcionados a pessoas que residem na periferia.

Em contrapartida, cabe mostrar um outro espaço que o jornal Super Notícia dedicou aos sujeitos periféricos. Também se refere a uma notícia que não entrou na amostra, mas acredita-se relevante para o contexto dessa pesquisa exploratória. O conteúdo noticioso data de 26 de dezembro de 2018 e ocupa uma página inteira do jornal, ganhando chamada de capa: “Barbeiro é finalista em prêmio nacional”. A notícia trata de um cabelereiro e barbeiro do Morro das Pedras que abriu seu próprio estabelecimento e pratica o bem: ele ensina gratuitamente o ofício a jovens carentes e promove o Dia da Beleza nos locais mais desfavorecidos da comunidade junto com outros cabelereiros. Único representante de Minas, o finalista num prêmio nacional comenta ao Super: “Fico muito grato porque nossa comunidade sempre é vista pelo lado negativo, e nunca como um lugar de empreendimento” (FERREIRA, 2018, p. 4). O jornal traz várias falas do profissional, contando sobre sua

história. O barbeiro diz, inclusive, que a crise financeira tem levado gente de outros lugares a procurar seus serviços: “Quebramos esse paradigma de que a pessoa não pode entrar na favela e estacionar seu carro. A crise chegou para todos, e eles pagavam bem caro perto da casa deles” (FERREIRA, 2018, p. 4).

5. Algumas considerações

A partir da pesquisa exploratória de conteúdo desenvolvida neste artigo, pode-se perceber que no jornalismo popular também há o silenciamento de parcelas da população contemporânea. Considerando o total de 196 conteúdos publicados entre os dias 1º a 15 de maio de 2019 nas editoriais Cidades e Geral, apenas cinco notícias fazem clara referência a localizações periféricas, mantendo espaço para a fala das fontes ou personagens das histórias. Isso equivale a 2,55% do total.

Nos conteúdos jornalísticos apresentados pelo jornal popular Super Notícia é possível notar a relação da periferia com a violência e o tráfico de drogas de maneira relativamente predominante. Mas também são trabalhadas pautas que mostram um projeto cultural estimulando a formação de identidade dos jovens de áreas menos favorecidas e obras de infraestrutura para áreas periféricas.

Mesmo que ainda de forma bem reduzida, o Super Notícia dá espaço para falas de sujeitos dessas localizações, como pode ser notado na reportagem que narra a história do barbeiro e cabeleireiro que mora no Morro das Pedras. Apesar dessa notícia não fazer parte da amostra selecionada inicialmente, é relevante citá-la devido à discussão que o artigo propõe. Esse exemplo de matéria apontaria para aquilo que Amaral (2006) chama de jornalismo popular radical, em que a produção noticiosa seria pautada pelos setores excluídos e favoreceria a visibilidade de posições contra hegemônicas. Conteúdos assim colocariam sujeitos periféricos no centro da notícia, transformando-os também em protagonistas da vida em sociedade.

A partir desse artigo enfatiza-se, então, a importância de se realizar leituras outras desses territórios, comportamento que vem sendo desenvolvido por arranjos alternativos de mídia, mas que ainda é subnotificado na mídia tradicional e popular.

Referências Bibliográficas

- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- ALVES, Lara. Quebra-pau deixa feridos em bar. **Super Notícia**, Contagem, 14 mai. 2019. Cidades, p. 3.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- AUGUSTO, José. Citrolândia ganha obra esperada há décadas. **Super Notícia**, Contagem, 1 mai. 2019. Cidades, p. 7.
- BAIROS de Belo Horizonte. O mais completo site sobre os bairros de BH. Disponível em: <https://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CARVALHO, Guilherme; BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, 2017, v. 4, n. 1, p. 21-39.
- CHAMPAGNE, Patrick. A visão midiática. (in) BOURDIEU, Pierre (Coord.) **A miséria do mundo**. Vozes: Rio de Janeiro, 1997, p. 63-85.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos Sujeitos Periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 2013. Tese de Doutorado em Sociologia apresentada à Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- DOWNING, John D. H. **Mídia radical – rebeldia nas comunicações movimentos sociais**. Senac: São Paulo, 2002.
- FERREIRA, Pedro. Barbeiro é finalista em prêmio nacional. **Super Notícia**, Contagem, 26 dez. 2018. Cidades, p. 4.
- FIGARO, Roseli; NONATO, Claudia. Novos “arranjos econômicos” alternativos para a produção jornalística. **Contemporânea**. Salvador, 2017, v. 15, n. 1, p. 47-63.
- FIGARO, Roseli (Org). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. ECA-USP: São Paulo, 2018.
- FONTES, Letícia. Motorista impede pulão e é atacado. **Super Notícia**, Contagem, 5 mai. 2019. Cidades, p. 3.

KOWARICK, Lúcio; CAMPANÁRIO, Milton A. São Paulo, metrópole do subdesenvolvimento industrializado: do milagre à crise econômica. (in) KOWARICK, Lúcio (Org). **As lutas sociais e a cidade**. Paz e Terra: São Paulo, 1994, p. 53-69.

LIEBEL, Silvia. Literatura e crime na primeira modernidade: o caso dos *canards* franceses. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. **Anais [...]** Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370058963_ARQUIVO_SNH2013.pdf. Acesso em: 25 ago. 2019.

MÍDIA KIT. Sempre Editora. Informação que transforma. Minas Gerais: Sempre Editora, 2019.

PENAFORTE, Raquel. Jovens aprendem cultura afro. **Super Notícia**, Contagem, 8 mai. 2019. Cidades, p. 6.

PLANO Diretor do Município de Contagem. Anexo 7A: Áreas de especial interesse social 1; Anexo 7B: Áreas de especial interesse social 3. Disponível em: http://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/legislacao/lec002482017_anexos-20180112090505.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019.

SUPER NOTÍCIA. Polícia acha R\$ 100 mil em drogas no Cabana. **Super Notícia**, Contagem, 5 mai. 2019. Cidades, p. 5.

RAMOS, Daniela Osvald; SPINELLI, Egle Müller. Iniciativas de Jornalismo Independente no Brasil e Argentina. **Extraprensa**. São Paulo, 2015, ano IX, n. 17, p. 114-123.

ROVIDA, Mara. As periferias pelos periféricos – um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Revista Extraprensa**. São Paulo, jul./dez. 2018, v. 12, n. 1, p. 50-65.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Studio Nobel: São Paulo, 2002.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. A cobertura jornalística dos fronteiriços e favelados – narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom – RBCC**. São Paulo, 2012, v. 35, n. I, p. 75-92.

SOUZA, Clarisse; MOTTA, Luiz F. Tráfico de drogas deixa mais vítimas. **Super Notícia**, Contagem, 13 mai. 2019. Cidades, p. 03.